

Saudação a Paulo Cabral na Academia Cearense de Retórica¹

Mauro Benevides

SENHORAS E SENHORES ACADÊMICOS:

No ano de 1992, em Brasília, convidei Paulo Cabral de Araújo, sua mulher Maria Coeli, todos os seus filhos, noras e genros para um jantar informal, em retribuição a outras tantas recepções com que me distinguira, uma das quais destinada a homenagear, ao lado do senador João Calmon, o genial presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Ataíde.

Através de intensa e meticulosa busca retrospectiva nos preciosos Arquivos de Nirez e do aprimoramento técnico da equipe do Serviço de Comunicação do Senado, consegui editar, mesmo em fita cassete, episódios inapagáveis da trajetória de um jovem locutor, iniciada no final da década de trinta, prestes a alçar, logo depois, vôo mais alto na radiofonia cearense, na política estadual, no jornalismo, na alta administração federal, na direção de uma portentosa cadeia de veículos de comunicação social do País.

A transmissão, levada ao ar, por sofisticada aparelhagem, razoavelmente audível, transformou-se, a cada instante, numa emocionante surpresa de rara sensibilidade, conduzindo Paulo Cabral a um repentino mergulho no tempo, em meio à imediata lembrança da inseparável companhia de seu irmão Cabral de Araújo – o Lilito –, um dos pioneiros da antiga PRE-9, a nossa Ceará Rádio Clube – emissora sobrevivente ainda hoje, graças à pertinácia e à dedicação do Acadêmico Manoel Eduardo Pinheiro Campos, membro dos mais ilustres deste Silogeu e expoente de nossa cultura, com renome nacional.

A voz adolescente que então despontava, em aligeirados comentários esportivos, tornar-se-ia, pouco depois, mais impostada, conduzindo-o à locução comercial, aos programas de auditório, no

¹ Discurso proferido em 22 de setembro de 1999.

nea penetração do jovem aspirante nas hostes contrárias, a ponto de o seu nome haver-se posicionado num patamar suprapartidário, quase consensual, fugindo ao controle dos dirigentes políticos que se contrapunham à coligação triunfante.

Fortaleza deve a Paulo Cabral serviços relevantes, o que deu lugar, na refrega de 1954, ao recipiendário desta noite esplendorosa obter a maior gama de sufrágios jamais atribuída, proporcionalmente, em todos os tempos, a qualquer pretendente de uma cadeira à Assembléia Legislativa do Ceará.

O fascínio, porém, que a atividade jornalística infundia no parlamentar iniciante fê-lo retornar, sem tardança, às redações, licenciando-se do mandato outorgado para reingressar nos Diários Associados, do inesquecível Assis Chateaubriand, responsabilizando-se, desde logo, pela árdua superintendência da empresa, em Minas Gerais e regiões adjacentes.

Ali, próximo de Tancredo Neves, Magalhães Pinto, Pedro Aleixo, José Maria Alkimim e tantos outros, Paulo Cabral consolidou, indestrutivelmente, o seu prestígio como intelectual e homem de comunicação, imprimindo aos órgãos – sob sua chefia – uma linha editorial que se compatibilizava com anseios inseridos na realidade política, econômica, social e cultural da época.

Decorridos alguns anos, a convite reiterado de seu velho amigo e conterrâneo, Ministro Armandó Falcão, o novo Acadêmico interrompia, num interregno de cinco anos, encargos profissionais, para empossar-se como Secretário-Geral (ou Secretário-Executivo) da Pasta de Justiça, num dos mais delicados momentos de nossa vida institucional.

Pelo trâmite processual em que interlocutoriamente teria que manifestar-se, Paulo Cabral de Araújo interferia para que decisões exacerbadas não se efetivassem, num tácito patrocínio daqueles injustamente incluídos em procedimentos iníquos, aos quais não estaria suficientemente assegurado o direito inalienável de defesa.

O democrata – de convicções arraigadas – sempre preponderava em sua atuação, e o fazia rever-se como político militante da década de 50, quando, ainda dominado pela mística do “lenco branco”, proclamava que “o preço da liberdade era a eterna vigilância”.

gro e culto, ao qual foram delegadas magnas missões na vida pública brasileira.

O tenente que perlustrou, na Coluna Prestes, extensa faixa do nosso território, numa peregrinação cívico-revolucionária verdadeiramente arriscada e indelével, foi o Ministro de visão aquilina, particularmente na proposição de alternativas técnicas que pudessem viabilizar a correção das gritantes disparidades regionais que já nos distanciavam de outras áreas geográficas do território nacional.

Em Sessão Especial do Senado Federal, realizada em 6 de maio de 1976, ao discursar em nome do MDB e na condição de seu vice-líder, ressalttei a figura excepcional do nosso ilustre coestadano, então desaparecido, para exaltar com justificada ênfase:

Articulador emérito, responsável pelos contactos no Norte e Nordeste, foi com incomparável abnegação que se entregou, de corpo e alma, à tarefa beneditina da pregação, mesmo taticamente sigilosa, dos princípios revolucionários, no afã de conscientizar civis e militares para a grande cruzada que haveria de mudar as bases da nossa estrutura política.

Recolhido ao presídio da Ilha das Cobras, em 1926, aquele oficial, nascido na Fazenda Embargo, no Jaguaribe adusto, dirigia mensagem ao Deputado Batista Luzardo, incentivando o País a esquecer ressentimentos e a buscar a pacificação geral dos espíritos.

Assim escreveu o valoroso discípulo de Caxias:

O albor desse ambiente de esperanças não o sei, nem o quero ocultar – iluminou de alegria o cárcere de todos os prisioneiros políticos, como estaria enchendo de júbilo o coração dos verdadeiros patriotas. Confesso-lhe, entretanto, com igual franqueza, que só é justo encarar esse belo acorde de entusiasmo como uma expressão antecipada de otimismo.

Razões sobradas tiveram, pois, Itamar de Santiago Espíndola, Artur Eduardo Benevides, Mons. André Camurça e os demais preclaros fundadores da Academia Cearense de Retórica ao indicar, para patrono da cadeira n.º 20, o idealista percuciente, o militar bravo, o memorialista de muita acuidade, o estadista aplaudido por várias gerações, Juarez do Nascimento Fernandes Távora – incomparável símbolo de tantas lutas em prol das mais legítimas causas do povo brasileiro.

Sr. Presidente,

Srs. Acadêmicos,

Sr. Paulo Cabral de Araújo:

A cadeira de que é patrono o ínclito Juarez Távora foi ocupada, até há bem pouco, pelo jornalista, escritor e magistrado integérrimo, Francisco Osmundo Pontes, que, por seus dotes incontáveis, chegou à Presidência desta Casa, hoje confiada ao Acadêmico Maurício Cabral Benevides – extremamente devotado aos pesados, mas honrosos encargos que lhe foram atribuídos de modo reiterado e sem discrepâncias, por seus Pares, em razão de sua inteligência e dinamismo, permitindo à ACR projetar-se, alvissareiramente, no cenário cultural do Ceará.

O inesquecível Osmundo Pontes, desde a década de 40, ainda universitário, encarnava uma liderança obstinada, atestada cabalmente em seus pronunciamentos, voltados, àquela época, para uma maior participação da classe estudantil na reconquista das liberdades públicas, cerceadas pelo Estado Novo, de Getúlio Vargas.

Dirigindo o vespertino *Diário da Tarde*, já graduado em Ciências Jurídicas, passou a defender empenhadamente a *paz social*, fazendo-o de forma fundamentada e criteriosa, o que ensejou, algum tempo depois, a sua acertada nomeação para Juiz do Trabalho, quando Chefe da Nação o Marechal Eurico Gaspar Dutra.

Sob sua presidência, ascendi à cadeira 23, sob a égide do professor José Martins Rodrigues, político, como eu, e figura exponencial de nossa vida partidária, com brilhante desempenho no Parlamento brasileiro, que ele soube honrar e dignificar com sua coragem, competência e patriotismo invulgares.

Recordo que, por designação de Osmundo, incumbiu-se de saudar-me, na imponente solenidade de posse, um dos luminares da advocacia brasileira, o professor Feliciano de Carvalho, proferindo magistral oração, que guardo como um dos momentos áureos de toda a minha existência.

Caber-lhe-á, Acadêmico Paulo Cabral, favorecer-se, naturalmente com a assiduidade possível, do convívio deste plenário, por entre os seus trinta e nove integrantes, imbuídos que estamos do nobre sentimento de fazer com que a Retórica esteja presente nas mais variadas e nobres manifestações orais do pensamento humano.

Junto a muitos dos nossos Acadêmicos, cheguei, sem subterfúgios, a apontá-lo como uma das maiores inteligências de nossa geração, acostumados que éramos a escutá-lo nos microfones da PRE-9, no plenário da Assembléia Legislativa – sediada ainda no velho Palácio Senador Alencar –, nos comícios populares da periferia, nas Convenções retumbantes do Teatro José de Alencar, enfim, em todas as oportunidades nas quais a sua palavra fácil, versátil, convincente, embebecedora, abalizada e, muitas vezes, patética, emocionada, candente, era capaz de tocar a consciência, a alma e o coração de seus conterrâneos.

Assim ocorria nas memoráveis campanhas de solidariedade humana em prol dos internos da Colônia Antônio Diogo, da benemérita Santa Casa de Misericórdia e da Construção da Maternidade Escola Assis Chateaubriand, em Porangabussu.

Afinal, chegou o momento de o Ceará resgatar dívida de reconhecimento com um homem público que vem pontificando como criador perfeito de textos cintilantes, cuja facilidade de improvisação caracterizou-se por invejável *dom*, inspirado, magistralmente, pela espontaneidade, pela fluência, pelo suscitar abalizado de conceitos, transformando tudo isso em parágrafos lapidados pelo cinzel de um mago da palavra.

Sempre o vimos, assim, como orador de larga experiência tribuniária, capaz de empolgar pela limpidez do pensamento, ao vestir, harmônica e corretamente, as mensagens transmitidas, além de possuir os requisitos arrolados nos Manuais de Retórica e conhecer o jogo sonoro dos vocábulos, o que possibilita construir, com os vigores persuasivos, a beleza arquitetônica das frases.

Sobram – Senhoras e Senhores Acadêmicos – em Paulo Cabral a imaginação criadora, a sensibilidade expressiva, a memória prodigiosa e a comprovada vocação improvisadora.

A sua voz cristalina e firme, ao lado da dicção bem articulada e dos gestos adequados, aprisiona os ouvintes durante o espaço de tempo de seus cativantes pronunciamentos.

O estilo oratório que adota – hoje isso ficará patenteado exuberantemente – situa-se no âmbito do modelo temperado, próprio dos discursistas que conseguem alicerçar os argumentos e aformosear a plano ideativo, na abordagem dos assuntos.

O novel Acadêmico, portanto, é um Orador que expõe com eficiência dialética e segurança de linguagem, fazendo-se entender por todos os segmentos sociais.

Senhores Acadêmicos.

Dignas Autoridades:

É este o Acadêmico Paulo Cabral de Araújo que passa a ser um dos nossos, chancelado como uma das mais lúcidas cerebrações da nossa época.

Bem-vindo seja, ao nosso templo, como Retor de inquestionável merecimento.

Certeza tem-se de que a Academia Cearense de Retórica completar-se-á brilhantemente com a sua integração a seus quadros, numa das mais deslumbrantes tertúlias dos nossos foros culturais.